



CLARICE LISPECTOR E A PAIXÃO PELO REAL: UMA ANÁLISE DO CONTO “O BÚFALO” A PARTIR DO MATERIALISMO LACANIANO

Thays Pretti de Sousa¹; Marisa Corrêa Silva²

RESUMO: O materialismo lacaniano é uma corrente “inicialmente ligada à filosofia política” (SILVA, 2009, p. 211), mas que já ultrapassa esse campo, especialmente nos estudos de Slavoj Žižek (1949-), com aplicações em Estudos Culturais (SILVA, 2009, p. 212), onde o estudioso busca perscrutar suas estruturas mais íntimas, revelando o que escondem por trás de sua pretensa inocência. Neste trabalho, nosso interesse consiste na aplicação do materialismo lacaniano à análise literária. Para tanto, aplicaremos o conceito, trabalhado tanto por Žižek quanto por Alain Badiou (1937-), de “paixão pelo Real” no conto “O búfalo”, de Clarice Lispector. Por seus textos serem tão plurissignificativos, e pelo fato de o materialismo lacaniano ser de aplicação ainda recente em literatura, consideramos que este trabalho pode aproveitar as possibilidades da relação entre materialismo lacaniano e literatura para o fomento de pesquisas sobre o tema. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar o conto “O búfalo”, de Clarice Lispector a partir do conceito de “paixão pelo Real”, apresentado pelos autores citados como a tônica do século XX. Para que isso fosse possível, analisamos o *corpus* escolhido a partir do conceito teórico selecionado, e chegamos à conclusão de que tanto texto quanto conteúdo podem ser compreendidos como representações literárias do conceito escolhido para análise.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; Crítica Literária; Materialismo Lacaniano; Paixão pelo Real; Slavoj Žižek.

1 INTRODUÇÃO

O materialismo lacaniano é uma corrente que é uma espécie de junção do materialismo dialético marxista com a psicanálise lacaniana. É “inicialmente ligada à filosofia política” (SILVA, 2009, p. 211), mas que já ultrapassa esse campo, especialmente nos estudos de Slavoj Žižek (1949-), com aplicações em Estudos Culturais (SILVA, 2009, p. 212). Nesse campo, utiliza-se o materialismo lacaniano para perscrutar suas estruturas mais íntimas, revelando o que escondem por trás de sua pretensa inocência.

É importante notar, porém, que apesar do uso de ideias da Psicanálise, o materialismo lacaniano não tem como objetivo “psicanalisar” seu objeto de estudo. A ideia é que se possa, como esclarece Neves, analisar elementos culturais do mesmo modo como Lévi-Strauss analisa os mitos, ou seja, estruturalmente, desconstruindo binarismos ditos óbvios e mostrando outras relações e interpretações (NEVES, 2005, p.29).

¹ Mestranda em Estudos Literários (bolsista CAPES) pela Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR. E-mail: thayspretti@gmail.com

² Pós-Doutora, docente no programa de Mestrado em Estudos Literários da Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR. E-mail: mcsilva5@uem.br

Nosso interesse, neste trabalho, é a aplicação do materialismo lacaniano à análise literária – proposta bastante recente, mas que, entretanto, já tem gerado bem-sucedidos frutos, como em *A Canon of Empty Fathers*, de Philip Rothwell, que, segundo Silva (2009, p. 212), revisita a Literatura Portuguesa a partir de conceitos do materialismo lacaniano, e o livro *O Percurso do Outro ao Mesmo: sagrado e profano em Saramago e em Helder Macedo* (2010), de autoria de Marisa Corrêa Silva, que utiliza conceitos de Lacan, Badiou e Žižek para análise de dois livros de cada autor citado no título da obra.

Para que não se caia em um “psicologismo”, a análise desenvolvida não fica apenas no plano do conteúdo, mas se relaciona também com o plano linguístico e estrutural da narrativa, onde é possível encontrar informações que complementam o sentido encontrado no conteúdo explícito do texto.

Neste trabalho, aplicamos o conceito, trabalhado tanto por Žižek quanto por Alain Badiou (1937-), de “paixão pelo Real” no conto “O búfalo”, de Clarice Lispector, inserido no livro “Laços de família”, de 1960, livro esse repleto de textos significativos, como “Amor” – um dos mais conhecidos contos da autora – e “A imitação da rosa”, entre outros, todos extremamente profícuos em interpretações possíveis. Por serem seus textos tão plurissignificativos, e pelo fato de o materialismo lacaniano ser de aplicação ainda recente em literatura, consideramos que este trabalho pode aproveitar as possibilidades da relação entre materialismo lacaniano e literatura para o fomento de pesquisas sobre o tema. Assim, de forma concisa, o objetivo deste trabalho é analisar o conto “O búfalo”, de Clarice Lispector a partir do conceito de “paixão pelo Real”, apresentado pelos autores citados como a tônica do século XX.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho é uma pesquisa bibliográfica que consiste na aplicação de uma teoria a um determinado *corpus* literário. Seu desenvolvimento se dá analisando-se forma e conteúdo do *corpus* e aplicando aos resultados encontrados os conceitos e interpretações possíveis a partir da teoria escolhida

O *corpus* escolhido corresponde ao conto “O búfalo”, que conta sobre uma personagem não nominada que vai ao Jardim Zoológico, depois de uma decepção amorosa, para tentar aprender a odiar com os animais. Porém, tudo o que encontra é tranquilidade, que ela julga ser decorrente do fato de ser primavera. Entretanto, no final do conto, a personagem encontra um búfalo negro o qual ela julga estar “tranqüilo de ódio” (LISPECTOR, 1998, p. 135) e, sorvendo esse ódio, desfalece.

Para analisar esse conto, utilizaremos o conceito de “paixão pelo Real”, cunhado por Alain Badiou e bastante explorado por Žižek no primeiro capítulo de seu livro “Bem-vindo ao deserto do Real!”. No livro, explica que o século XX buscou a coisa em si, colocando “a experiência direta do Real como oposição à realidade social diária – o Real em sua violência extrema como o preço a ser pago pela retirada das camadas enganadoras da realidade” (ŽIŽEK, 2003, p. 19). Podemos supor que esse efeito surja a partir de uma situação na qual o que se acreditava deixa de nos parecer real, por exemplo, quando como uma crença é abalada pela ciência ou algo semelhante. Nesse caso, o vazio simbólico no qual a pessoa se encontra pode levá-la a buscar algo que cubra a lacuna que ficou aberta, e supomos que isso, de uma forma um tanto doentia, faça com que surja essa paixão pelo Real, ou seja, a falta de um significado para um determinado significante (muitas vezes não consciente) geraria essa busca. Pensamos nessa abordagem a partir da interpretação que Žižek faz do caso do Homem dos Lobos, de Freud. (ŽIŽEK, 2010, p. 92)

O filósofo ainda faz questão de separar, assim como fez Badiou, o Real de semblante do Real, ou efeito, ou aparência do Real, uma vez que o Real em si é algo extremamente traumático e excessivo, de modo que “não somos capazes de integrá-lo na

nossa realidade (no que sentimos como tal), e, portanto, somos forçados a senti-lo como um pesadelo fantástico” (ŽIŽEK, 2003, p. 33). Porém, esse pesadelo fantástico, esse semblante, é um efeito do Real que, entretanto, nos oferece a “coisa em si”, ou a sensação do contato com a coisa em si (Idem, 2003, p. 33).

Há também de se notar a frequente relação entre paixão pelo Real e violência, como Žižek nos chama a atenção quando afirma que “existe uma ligação íntima entre a virtualização da realidade e a emergência de uma dor física infinita e ilimitada, muito mais forte que a dor comum” (Ibidem, 2003, p. 26). A esse respeito, Pinheiro diz que para responder à urgência da paixão pelo Real (que parece estar sempre deixando algo passar), “é preciso tomar uma atitude destrutiva, é preciso eliminar o velho para que o novo apareça” (PINHEIRO, 2010, p. 04). A violência como busca do Real também está no caso, apresentado por Žižek, de pessoas – especialmente mulheres – que se cortam, o que, segundo o autor, corresponde a uma busca de afirmação da própria realidade. Para ele, essas pessoas não buscam a morte, e sim tentam “(re)dominar a realidade ou (...) basear firmemente o ego na realidade do corpo contra a angústia insuportável de sentir-se inexistente” (ŽIŽEK, 2003, p. 24). Além disso, o autor completa sugerindo (e questionando) que

se o verdadeiro contrário do Real é a realidade, isso significa que, ao se cortar, elas na realidade estão tentando fugir não somente da sensação de irreabilidade da virtualidade artificial do mundo em que vivemos, mas do próprio Real que explode sob a forma das alucinações descontroladas que começam a nos assombrar quando perdemos a âncora que nos prende à realidade (Idem, 2003, p. 34)

A respeito de essa ser ou não uma questão problemática para a sociedade, Žižek diz que o problema da “paixão pelo Real” não é o fato de ser uma paixão pelo Real, mas “o fato de ser uma paixão falsa em que a implacável busca do Real que há por trás das aparências é o estratagema definitivo para evitar o confronto com ele” (Ibidem, 2003, p. 39).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No desenvolvimento da análise proposta, analisamos inicialmente a situação da personagem do conto. A personagem, inominada, de modo a poder representar tanto uma classe, como um gênero ou toda a humanidade, depois de saber que o homem que amava não a amava, disse a ele que o odiava, sem saber como fazê-lo – segundo o narrador – e foi ao Jardim Zoológico aprendê-lo. Podemos ver aqui, então, a quebra de um estado de equilíbrio – ela supunha ou esperava que ele a amasse, e a afirmação de que não a amava a desestruturou, fazendo que perdesse – usando palavras de Žižek – a “âncora que a prendia à realidade”. Carente de equilíbrio, com uma lacuna na estrutura de realidade que havia determinado para si, agiu de forma que pode ser equiparada à ação das pessoas que se cortam anteriormente citadas: buscou encontrar algo que preenchesse a lacuna, algo que fosse mais “Real” do que a ilusão que acabara de ver desmanchar, ao mesmo tempo em que, na verdade, fugia do Real traumático que a assombrava no fato de ser a “fêmea rejeitada” (LISPECTOR, 1998, p. 131). Entretanto, apesar da busca, não encontrava em nenhum dos animais a violência e ferocidade que supôs que encontraria. Ao subir na montanha-russa do parque do Jardim Zoológico, também buscava um choque, algo intenso, desesperado e Real, mas, ao descer do brinquedo, percebeu que também não conseguiu o que buscava. Até que a aparência forte e assustadora do búfalo conseguiu mostrar uma imagem daquilo que ela buscava – imagem, uma vez que a coisa em si estaria mais relacionada a uma questão identitária

que se apresentou como não resolvida do que a um ódio externo o qual ela pudesse aprender.

Sobre as relações que se pode fazer com o próprio corpo do texto, podemos perceber, por exemplo, uma separação entre o que se coloca como o zoológico e os animais em si e os sentimentos da personagem, a partir dos quais ela vê os animais e outras coisas ao redor (e também na montanha-russa, quando a protagonista percebe o grito alegre das namoradas como um insulto). Os animais em si estão calmos, acostumados às jaulas, vivendo tranquilos na situação que lhes é imposta. Isso é percebido pela forma como são descritos: nada que se refere diretamente a eles – sem estar tão afetado pela consciência da protagonista – é de semântica pesada. Os leões são louros, a girafa é quase verde, quase paisagem, o hipopótamo é úmido, os macacos são nus, o elefante é velho e oriental, o camelo é paciente, o quati é ingênuo. Nada neles remete à coisa em si que ela busca, por isso ela não os quer por perto. Abrimos aqui um parêntese para chamar a atenção para o fato de que ela na verdade foge da calma e aceitação desses animais, o que pode nos levar a supor que talvez o verdadeiro Real estivesse nessa ação deles. Porém, ela foge do Real buscando o semblante do Real, que teria uma aparência de Real e melhor aliviaria sua situação no momento.

Quando a mente da personagem interfere na descrição dos animais, temos palavras de um campo semântico mais carregado, extremamente relacionado à violência e à visão do animal como coisa, como quando há a referência ao hipopótamo como “rolo roliço de carne” (LISPECTOR, 1998, p. 127). Além dessas descrições, temos toda uma listagem de palavras que remetem à negatividade, à violência, à morte, à materialidade da vida, à loucura, como a referência a carnificina, punhos, cova, água negra, ódio seco, sangue cinzento, recusa, vísceras, parada de coração, fúria, ofensa, espasmo, insulto, urro, palidez, ossos quebrados, estômago vazio, exausta, perturbada, missão mortal, enjaulada, gemido, ventre, atormentada, cruel, sangue e triunfo, bestas, dura, assassina, infelicidade, escuridão, recém-morta, cabeça decepada, sem cara ou traços, duro músculo, desconfiança, morte zumbindo, mortal brancura, viscosa como uma saliva, fio de sangue negro, óleo amargo, incompreensível, entorpeceu dormente, olhos vermelhos, tranqüilo de ódio, mútuo assassinato, punhal que cravara, vertigem, entre outros. Isso nos remete ao fascínio atualmente exercido pela morte, filmes de terror onde as pessoas são despedaçadas, e o interesse midiático de expor vítimas de acidentes e assassinatos cruamente, na televisão, em sites e blogs. E remete também ao que Žižek fala sobre a queda do WTC, o que, apesar de ter sido de certo modo traumático suscitou nos telespectadores que assistiram a cena (transmitida repetidas vezes) certa *jouissance*, como um mórbido prazer ligado a repulsa do contato com o Real (ŽIŽEK, 2003, p. 26)

Podemos dizer, assim, que o texto de Lispector se transfigura nessa busca pelo Real empreendida pela personagem que na verdade é busca pelo semblante. A profusão de termos de semântica violenta, acompanhado das frequentes referências a olhos e olhar, constrói uma relação entre visão – nosso principal sentido – e violência. Uma relação tão íntima que a “resolução” da situação se dá quando ela vê o búfalo, o único animal em relação ao qual o campo semântico é mais pesado – o que talvez não aconteça por causa do animal em si, mas pela forma como a personagem o percebe. Assim, o búfalo é negro, “tão preto que à distância a cara não tinha traços” (LISPECTOR, 1998, p. 133), informação essa que é reiterada quando a personagem diz que “das trevas da cabeça ela só distinguia os contornos” (Idem, 1998, p. 133). Além disso, outras palavras relacionadas são: raiva, ódio, lentidão, imobilidade, incompreensão, percepções da personagem as quais a levaram ao desmaio que encerra o conto, o que podemos compreender como a visualização do semblante do Real, que lhe deu a sensação da coisa em si e ofereceu alívio para a paixão pelo Real que a tomava até então.

4 CONCLUSÃO

Com a realização deste trabalho, pudemos explorar a possibilidade de aplicação de conceitos do materialismo lacaniano, como o da “paixão pelo Real”, a um texto de uma escritora reconhecidamente consagrada, podendo ter como uma das conclusões o fato de que os textos literários, por serem textos literários, estão abertos aos mais diferentes tipos de abordagens, de modo que podemos revisitá-los de formas novas mesmo quando já são conhecidos e largamente estudados.

Outra conclusão que podemos tirar do desenvolvimento desta pesquisa é o fato de que o conceito de “paixão pelo Real” não necessariamente age apenas como um comportamento, mas pode ser estruturalmente encontrado no campo semântico utilizado pelo autor para mostrar determinado objeto.

Ressaltamos, ainda, que este é apenas um pequeno recorte de uma teoria que representa apenas um viés de análise, de modo que existem, dentro da mesma teoria, outros conceitos que poderiam ser explorados, assim como outras teorias que poderiam igualmente explicar o objeto de estudo aqui abordado.

REFERÊNCIAS

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PINHEIRO, Tiago Guilherme. O século e sua besta (por uma história das subjetividades). **Revista Garrafa**. Rio de Janeiro, n.21, mai.- ago., 2010. Disponível em: <http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa/garrafa21/tiagoguilherme_oseculoe.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2011.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como Ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **Bem-vindo ao deserto do Real!**: cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. (Estado de Sítio)